

grahamsc

guerra, um punhado de revolucionários demonstrou que a história não está previamente escrita, que a “vontade coletiva” pode mudar as leis da economia, feitas pelos homens, ou seja, em nada naturais e absolutas.

Uma grande lição contra o liberismo de hoje, contra aqueles que fizeram dos “mercados” um ídolo invencível: Gramsci nos lembra que depende de nós, da “vontade coletiva”, mudar as coisas. Somos todos nós aquele “movimento real que muda o estado de coisas presente”.

Leandro Konder

“Para Gramsci, passar da rebeldia à revolução, da contestação à construção de alternativas, requer dos socialistas instrumentos teóricos e de uma competência argumentativa que só poderão ser desenvolvidos no campo de batalha da cultura.”

Carlos Nelson Coutinho

“É preciso resgatar a dimensão revolucionária do complexo e riquíssimo pensamento de Gramsci.”

Antonio Gramsci

“Sou resistente, vivo, sinto na virilidade da minha consciência pulsar a atividade da cidade futura que estou ajudando a construir. Nela a cadeia social não pesa sobre poucos, cada acontecimento não é devido ao acaso, à fatalidade, mas é obra inteligente dos cidadãos. Não há ninguém na janela contemplando enquanto alguns se sacrificam, se esvaem em sacrifício; aquele que permanece de plantão na janela para aproveitar daquilo que a atividade desses poucos alcança – ou para desafogar a própria desilusão vituperando o sacrificado – desfalece sem conseguir o que pretende. Vivo, tomo partido. Por isso odeio quem não o faz, odeio os indiferentes.”

**antonio
gramsci**

**odeio
os indiferentes**

escritos de 1917

**seleção, tradução e aparato crítico
de daniela mussi e alvaro bianchi**



© Boitempo, 2020

Direção-geral

Ivana Jinkings

Edição

Isabella Marcatti

Coordenação de produção

Livia Campos

Assistência editorial

Pedro Davoglio e Carolina Mercês

Seleção, tradução e aparato crítico

Daniela Mussi e Alvaro Bianchi

Preparação

Mariana Zanini

Revisão

Livia Campos

Capa

Maikon Nery

Diagramação

Antonio Kehl

Equipe de apoio:

Artur Renzo, Débora Rodrigues, Dharla Soares, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Heleni Andrade, Higor Alves, Ivam Oliveira, Kim Doria, Luciana Capelli, Marina Valeriano, Marissol Robles, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Raí Alves, Talita Lima, Thais Rimkus, Tulio Candiotta

Versão eletrônica

Produção

Livia Campos

Diagramação

Schäffer Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G773o

Gramsci, Antonio, 1891-1937

Odeio os indiferentes [recurso eletrônico] : escritos de 1917 /
Antonio Gramsci ; seleção, tradução e aparato crítico Daniela Mussi,
Alvaro Bianchi. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.

recurso digital (Escritos gramscianos)

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital edition

Modo de acesso: world wide web

"Compilação inédita dos textos"

"Cronologia da vida e da obra de Gramsci"

ISBN 978-85-7559-768-2 (recurso eletrônico)

1. Filosofia marxista. 2. Ciência política - Filosofia. 3. Livros
eletrônicos. I. Mussi, Daniela. II. Bianchi, Alvaro. III. Título. IV.
Série.

20-64570

CDD: 335.4

CDU: 141.82

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: junho de 2020

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285
editor@boitempoeditorial.com.br
www.boitempoeditorial.com.br
www.blogdaboitempo.com.br
www.facebook.com/boitempo
www.twitter.com/editoraboitempo
www.youtube.com/tvboitempo

SUMÁRIO

SOBRE A COLEÇÃO ESCRITOS GRAMSCIANOS

APRESENTAÇÃO, *DANIELA MUSSI E ALVARO BIANCHI*

SOBRE A TRADUÇÃO

1. A CIDADE FUTURA
2. TRÊS PRINCÍPIOS, TRÊS ORDENS
3. INDIFERENTES
4. DISCIPLINA E LIBERDADE
5. ANALFABETISMO
6. A DISCIPLINA
7. OS MONGES DE PASCAL
8. CARÁTER
9. MORGARI NA RÚSSIA
10. NOTAS SOBRE A REVOLUÇÃO RUSSA
11. OS MAXIMALISTAS RUSSOS
12. O RELOJOEIRO
13. A TAREFA DA REVOLUÇÃO RUSSA
14. ANALOGIAS E METÁFORAS

15. A RÚSSIA É SOCIALISTA

16. O SOCIALISMO E A ITÁLIA

17. KIÉRIENSKI-TCHERNOV

18. A SITUAÇÃO POLÍTICA NA RÚSSIA

19. A REVOLUÇÃO CONTRA *O CAPITAL*

20. INTRANSIGÊNCIA-TOLERÂNCIA, INTOLERÂNCIA-TRANSIGÊNCIA

21. POR UMA ASSOCIAÇÃO DE CULTURA

CRONOLOGIA — VIDA E OBRA

SOBRE A COLEÇÃO ESCRITOS GRAMSCIANOS

Conselho editorial: Alvaro Bianchi, Daniela Mussi, Gianni Fresu, Guido Liguori, Marcos del Roio, Virgínia Fontes

Com *Odeio os indiferentes*, coletânea inédita de artigos do jovem jornalista socialista publicados em 1917, inauguramos a coleção Escritos Gramscianos, que se propõe a reunir, sob diversos temas e formatos, os textos desse originalíssimo pensador marxista. Nosso objetivo é divulgar, com o devido cuidado editorial, uma voz que as forças retrógradas tentaram calar muito cedo e que, no entanto, repercute através dos tempos e tem muito a dizer para as atuais e futuras gerações.

APRESENTAÇÃO

Daniela Mussi e Alvaro Bianchi

Esta coletânea percorre os artigos de Antonio Gramsci sobre o socialismo e a revolução ao longo do dramático e especialíssimo ano de 1917. Durante todo o ano anterior, o jovem jornalista sardo acompanhara o debate aberto na seção piemontesa do seu Partito Socialista Italiano (Partido Socialista Italiano, PSI) a respeito da fundação de um novo jornal socialista em Turim, onde residia. O periódico deveria ser um “foco de entusiasmo”, “a voz do partido que a cada dia alcançará espíritos novos, energias novas”. Dessa discussão participavam muitos de seus companheiros mais próximos, jovens socialistas como Gramsci, em oposição às opiniões mais oficiais de dirigentes do PSI que viam na iniciativa a ameaça da perda de controle do partido sobre sua imprensa. Para o jovem jornalista, rejeitar a criação de um jornal era o mesmo que negar que o partido socialista estivesse diante de uma reviravolta mais ampla na sociedade italiana, produzida pelos efeitos nefastos da guerra europeia^[1].

Quando o ano de 1917 se inicia, é possível ver Gramsci como alguém bastante alheio às disputas internas do partido e mais voltado à vida cultural da seção socialista em Turim, onde ministrava conferências. Apesar disso, em sua atuação como jornalista, Gramsci demonstrava interesse crescente pelos debates partidários,

especialmente no combate ao economicismo e ao burocratismo que consumiam o PSI e colocavam seus dirigentes em um labirinto sem saída. A criação de um periódico era vista como uma forma de avançar na elaboração de uma “ideia geral” alternativa, de uma disciplina verdadeira capaz de organizar os socialistas.

Esse projeto daria seu primeiro passo nas páginas do opúsculo *La Città Futura* [A cidade futura], publicado em fevereiro de 1917 como jornal de número único com base na orientação do comitê regional piemontês da Federação Juvenil Socialista. *La Città Futura* foi inteiramente escrito por Gramsci levando em conta as necessidades dos trabalhadores e da juventude de Turim no contexto da guerra e as possibilidades de uma alternativa socialista para tal. Além disso, é possível perceber a preocupação de Gramsci em tratar do ambiente intelectual como fragmentado entre uma cultura acadêmica fortemente positivista, por um lado, e o avanço das teorias da “crise do marxismo” pelos intelectuais antipositivistas, por outro. Em meio a esse dualismo, existiria espaço para uma elaboração socialista criativa?

La Città Futura pretendia convidar os jovens a enfrentar esse desafio, a um ato de “independência e liberação” por meio do engajamento no movimento socialista, ao mesmo tempo que não negava a importância de pensar sobre os limites nos quais o socialismo italiano esbarrava. “O futuro é dos jovens. A história é dos jovens” – com essas palavras, Gramsci abriu a publicação projetando um novo ambiente, no qual pudessem se combinar “energia” e “inteligência”, resultando na “mais perfeita e frutífera afirmação” de um movimento socialista renovado. A alternativa à “morte do socialismo” – expressão do filósofo Benedetto Croce – seria reencontrar uma finalidade para a organização socialista. Era preciso converter a situação defensiva na qual se encontrava o socialismo em

uma oportunidade de atrair e organizar os jovens para o bom combate.

Gramsci acreditava na eficácia da luta cultural coletiva e popular como forma de conquista de uma nova personalidade e cidadania. Seus artigos do início de 1917 enfatizam a vontade como ponto de partida para a descoberta dessa personalidade, bem como a rejeição de qualquer visão “determinista” da ação que reduzisse o movimento socialista a uma atitude de passividade. No processo da busca pela verdade, a existência de modelos abstratos seria útil desde que estes não fossem tomados em termos absolutos. O esquema não poderia substituir o movimento concreto, vivo, do pensamento.

A crise do socialismo, que se manifestava na deserção de muitos intelectuais desse projeto coletivo, poderia ser explicada de duas formas: por um lado, como crise mais geral de todos os “ismos” (positivismo, futurismo, nacionalismo etc.), concepções engajadas com as quais os intelectuais mantinham relação de exterioridade; por outro, como crise específica do socialismo, acusado de ser uma “visão livresca da vida” na qual a incrustação positivista teria produzido uma leitura eternamente fatalista dos acontecimentos ou da “avalanche” observada sempre à distância pelo partido.

Na opinião de Gramsci, a crise do socialismo italiano era um fenômeno complexo, surgido no contexto de desdobramento de um processo de unificação nacional difícil, no qual os socialistas não haviam conquistado o prestígio político e cultural necessário e sofriam com a debandada intelectual. Com a crise singular, o socialismo italiano revelava sua incapacidade de entender a “avalanche” de acontecimentos que, com a guerra, assumia proporções catastróficas. Entre os dirigentes socialistas, particularmente em Turim mas não apenas, tanto a crise política como a humana eram pensadas de

maneira abstrata, por meio de uma lógica determinista afirmada como “científica”. Diante da crise dos intelectuais e da derrota do mito socialista – concluía o autor –, a única saída possível viria da renovação interna do proletariado.

A expansão do proletariado e do movimento socialista em vários países durante a guerra era, para Gramsci, um claro sinal do potencial de renovação da vida popular e, também, de intensificação de sua consciência – o que permitiria o surgimento de uma visão diferente das coisas. Essa novidade seria capaz de fazer com que os indivíduos se sentissem “partícipes de algo grandioso que está amadurecendo em cada nação, cada partido, cada seção, cada grupo”^[2]. Para ele, a ideia de igualdade – e não a de nacionalidade – possibilitaria aos jovens essa renovação, sendo Turim um laboratório do “surgimento de uma nova geração livre, sem preconceitos, que romperá a tradição”^[3].

As “vontades” de Gramsci começavam a entrar em rota de colisão com o socialismo oficial do partido, cujo núcleo substancial se personificava na figura política de Claudio Treves^[4]. Para Gramsci, o PSI havia assumido uma posição cômoda diante da vida política do país desde 1914, com a fórmula da neutralidade absoluta em relação à guerra e com o predomínio no partido do absentismo político de tipo reformista. No combate a essa posição, Gramsci lançou mão de referências renegadas pela tradição teórica do socialismo italiano e internacional, recorrendo, em especial, ao pensamento antipositivista que se inspirava em Benedetto Croce e colocava a cultura no centro dos impasses políticos. O uso dessas referências recebeu críticas dentro do partido, mesmo entre os jovens: Gramsci foi acusado de “intelectualismo” e de ter elaborado “um jornal para iniciados”, “difícilmente compreendido pelos leitores proletários”. Então começaram a chegar as notícias da Revolução Russa.

*image
not
available*

O mesmo deveria acontecer na Itália. Aos poucos, Gramsci alinhou-se politicamente com os bolcheviques, os quais chamava, nesse momento, de “maximalistas”. Seu alinhamento expressava, também, a posição que ocupava no PSI, identificando-se com suas frações mais radicais e contrárias à guerra. Em julho, expressou esse apoio aos partidários de Lênin, os quais considerava “a continuidade da revolução”, “o ritmo da revolução”, “a própria revolução”.

Gramsci insistia que a revolução não poderia se deter. Ela deveria afirmar seu caráter ininterrupto e superar o mundo burguês. Em agosto, chegou uma delegação russa representando os soviets, da qual faziam parte Josif Goldenberg e Aleksandr Smirnov. A viagem havia sido autorizada pelo governo italiano, que desejava a permanência da Rússia na guerra. A visita dos delegados russos era também a possibilidade de realização de uma manifestação política aberta, que foi aproveitada pelos socialistas italianos. Depois de passar por Roma, Florença, Bolonha e Milão, a delegação voltou a Turim. Na frente da Casa del Popolo^[5], 40 mil pessoas saudaram a Revolução Russa na primeira manifestação pública desde o início da guerra. Em seu relato jornalístico, Gramsci falou do “espetáculo das forças proletárias e socialistas em solidariedade à Rússia revolucionária”. Poucos dias depois, esse espetáculo tomaria novamente as ruas de Turim.

Na manhã do dia 22 de agosto de 1917, não havia mais pão em Turim, resultado de uma longa crise de abastecimento provocada pela guerra. Ao meio-dia, os operários começaram a parar as fábricas da cidade. Às cinco da tarde, quase todas as fábricas estavam paradas e uma multidão começou a marchar pelas ruas; logo depois começaram os saques às padarias e armazéns. A rebelião espontânea se alastrou, e uma greve que não havia sido decretada por ninguém parou a cidade.

*image
not
available*

socialista de Turim para se tornar analista do destino de milhões de pessoas. Um pensamento que se desdobra marcado pela necessidade de subverter as noções de cultura e revolução, tradição e novidade, continuidade e ruptura. Uma subversão nascida da necessidade de levar a sério a política como saga das grandes majorias.

[1] Como se referiam à Primeira Guerra Mundial naquele momento.

[2] Antonio Gramsci, *Scritti (1910-1926)*, v. 2: 1917 (org. Leonardo Rapone, Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, 2015), p. 106.

[3] *Ibidem*, p. 111.

[4] Claudio Treves (1869-1933) era advogado e jornalista em Turim, além de um importante dirigente socialista, figura central na revista *Critica Sociale* e líder da posição neutralista no PSI. Em 1915, no calor das discussões sobre a participação da Itália na guerra, depois de uma troca de acusações e insultos, chegou a realizar um duelo com Benito Mussolini; ambos se feriram, mas sobreviveram.

[5] Situada em Turim, *corso Siccardi*, n. 12, a Casa del Popolo era a sede do PSI e da Camara del Lavoro [Câmara do Trabalho].

*image
not
available*

1. A CIDADE FUTURA^[1]

Com esse título sairá daqui a poucos dias um número único, publicado sob a organização da Federação Juvenil do Piemonte. É dedicado, portanto, aos jovens. Quer ser um convite e um incitamento. O futuro é dos jovens. A história é dos jovens. Mas dos jovens que pensam a tarefa que a vida impõe a cada um, que se preocupam em se armar adequadamente para resolvê-la da maneira que melhor convém às suas convicções íntimas, que se preocupam em criar para si aquele ambiente no qual sua energia, inteligência e atividade encontrem o máximo desenvolvimento, a mais perfeita e frutífera afirmação. A guerra ceifou os jovens, tolheu especialmente seus esforços, suas batalhas, seus sonhos esplêndidos de utopia, que então já não eram, pois haviam se tornado estímulo de ação e de realização. Mas a organização juvenil socialista na verdade não sofreu tanto em si e para si. Os milhares de jovens arrancados de suas lutas foram logo substituídos. O fato da guerra sacudiu como ventania os indiferentes, jovens que até ontem não se importavam com tudo o que era solidariedade e disciplina política. Mas não basta, e nunca bastará. É preciso engrossar sempre mais as fileiras e cerrá-las. A organização possui, especialmente, um fim educativo e formativo. É a preparação para a vida mais intensa e plena de responsabilidade do partido. Mas é também a vanguarda, a audácia plena de ardor. Os jovens são como a

*image
not
available*

componentes da coletividade. Direitos que, depois da laceração inicial da velha casca, passaram a se afirmar e se concretizar e, convertidos em força operosa sobre os fatos, os plasmaram e os caracterizaram, fazendo florescer a civilização burguesa, a única possível de emergir porque a burguesia era a única energia social eficaz e realmente operante na história. Os utópicos foram derrotados já aí, pois nenhuma das suas previsões particulares se realizou. Mas foi realizado o princípio e deste floresceram as atuais ordenações, a ordem atual^[4].

Era um princípio universal aquele afirmado na história por meio da revolução burguesa? Certamente sim. No entanto, é costume dizer que se J. J. Rousseau soubesse das bocas que assumiram suas pregações, provavelmente as renegaria^[5]. Nessa afirmação paradoxal está contida uma crítica implícita do liberalismo. Mas essa é paradoxal, ou seja, afirma de maneira injusta uma coisa justa. Universal não quer dizer absoluto. Na história não existe nada absoluto e rígido. As afirmações do liberalismo são ideias-limite que, reconhecidas como racionalmente necessárias, se transformaram em ideias-forças, foram realizadas no Estado burguês, serviram para suscitar deste Estado uma antítese no proletariado e se desgastaram. Universais para a burguesia, insuficientes para o proletariado. Para a burguesia eram ideias-limite, para o proletariado são ideias-mínimas. E, de fato, o programa liberal integral tornou-se o programa mínimo do partido socialista. Esse programa realmente serve para viver o dia a dia à espera de considerar chegado o momento mais útil [*uma linha censurada*].

Como ideia-limite, o programa liberal cria o Estado ético, um Estado que idealmente está acima das disputas de classe, dos vários entrelaçamentos e colisões dos agrupamentos que formam a realidade econômica e tradicional^[6]. Esse Estado é mais uma aspiração política

*image
not
available*

em 1913. A maioria dos socialistas votou favoravelmente aos bilhões porque o orçamento foi antecipado não pelos contribuintes em geral, mas por meio da expropriação (ao menos aparente) de grandes rendas. Pareceu um experimento de socialismo de Estado, pareceu *ser um princípio em si justo* fazer pagar as despesas militares dos capitalistas, e votaram um recurso que beneficiou exclusivamente a burguesia e o partido militar prussiano^[9].

Esses dois tipos de ordem constituída são o modelo base dos partidos da ordem da Itália. Os liberais e os nacionalistas dizem (ou diziam), respectivamente, desejar que na Itália fosse criada qualquer coisa similar ao Estado inglês e ao Estado alemão. A polêmica contra o socialismo é toda tecida sobre a aspiração desse Estado ético potencial na Itália. Mas na Itália inexistiu completamente aquele período de desenvolvimento que tornou possível as atuais Alemanha e Inglaterra. Portanto, se levado às últimas consequências o raciocínio dos liberais e dos nacionalistas italianos, o resultado hoje seria esta fórmula: *o sacrifício do proletariado*. Sacrifício das próprias necessidades, sacrifício da própria personalidade, da própria combatividade para dar tempo ao tempo, para permitir que a riqueza se multiplique, para permitir que a administração se purifique [*três linhas censuradas*]. Os nacionalistas e liberais não chegaram ao ponto de afirmar que uma ordem desse tipo exista na Itália. Sustentam que essa ordem existirá contanto que os socialistas não atrapalhem sua fatal instauração.

Esse estado de fato das coisas italianas é, para nós, fonte de maior energia e maior combatividade. Se se pensa como é difícil convencer um homem a se mover sem que ele tenha motivos imediatos para fazê-lo, é possível compreender quão mais difícil é convencer uma multidão nos Estados em que não existe no governo, como na Itália, o partido voltado a sufocar suas aspirações e remover de todas as

*image
not
available*

3. INDIFERENTES^[1]

Odeio os indiferentes. Creio, como Federico Hebbel, que “viver quer dizer tomar partido”^[2]. Não podem existir os que são apenas *homens*, estranhos à cidade. Quem vive verdadeiramente não pode não ser cidadão, assumir um lado. Indiferença é apatia, parasitismo, velhacaria, não é vida. Por isso odeio os indiferentes.

A indiferença é o peso morto da história. É a bola de chumbo dos inovadores, é a matéria inerte na qual afundam rapidamente os entusiasmos mais esplêndidos, é o pântano que cerca a velha cidade e a defende melhor que as mais rígidas muralhas, melhor que o peito dos seus guerreiros, porque envolve em seus vórtices lodosos os agressores, dizimando-os e desencorajando-os até que desistam do empreendimento heroico.

A indiferença opera com força na história. Opera passivamente, mas opera. É a fatalidade; é aquilo com o que não se pode contar; é o que interrompe os programas, subverte os melhores planos; é a matéria bruta que se rebela contra a inteligência e a sufoca. O que vem em seguida, o mal que se abate sobre todos, o possível bem que um ato heroico (de valor universal) pode desencadear, não se deve tanto à iniciativa operante de poucos, quanto à indiferença, o absenteísmo dos muitos. O que se passa não resulta tanto dos desejos de alguns como da massa dos homens que abdicam de sua vontade, deixam

*image
not
available*

4. DISCIPLINA E LIBERDADE^[1]

Associar-se a um movimento quer dizer assumir uma parte da responsabilidade dos acontecimentos futuros, tornar-se artífice direto desses acontecimentos. Um jovem que se inscreve no movimento juvenil socialista realiza um ato de independência e liberação. Disciplinar-se é tornar-se independente e livre. A água é água pura e livre quando escorre entre as duas margens de um riacho ou de um rio, não quando se espalha de maneira caótica sobre o chão, ou rarefeita paira na atmosfera. Quem não segue uma disciplina política permanece como matéria em estado gasoso, matéria contaminada por elementos estranhos e, por isso, inútil e danosa. A disciplina política faz com que essa sujidade se precipite e oferece ao espírito o seu melhor metal, à vida um escopo, sem o qual não valeria a pena ser vivida. Cada jovem proletário que sente o quão pesado é o fardo de sua escravidão de classe deve realizar o ato inicial de sua liberação e inscrever-se no *Fascio* [Agrupamento] juvenil socialista mais próximo de sua casa.

[1] *La Città Futura*, n. único, 11 fev. 1917, p. 2.

*image
not
available*

incompreendida e não sentida, não fosse possível para nós operar segundo uma linha de conduta com cujo traçado e firme coerência contribuímos. Porque este é o caráter das disciplinas autônomas: ser a própria vida, ser pensamento mesmo de quem as observa. A disciplina que o Estado burguês impõe aos cidadãos faz deles súditos que se iludem de poder influir no rumo dos acontecimentos. A disciplina do partido socialista faz do súdito um cidadão: um cidadão por vezes rebelde, que, tendo conquistado consciência de sua personalidade, a sente obstruída, sem poder afirmar-se livremente no mundo.

[1] *La Città Futura*, n. único, 11 fev. 1917, p. 2.

[2] Trata-se de um conto do livro de Rudyard Kipling *The jungle book* (Nova York, Century, 1894). A obra foi publicada em italiano apenas em 1922, com o nome *Il libro della jungla: il figlio dell'uomo* (trad. Angelica Pasolini Rasponi, Turim, Società tipografica-editrice nazionale, 1922). Gramsci havia lido provavelmente a tradução francesa, de 1895, a qual cita em carta a Tatiana Schucht, de 22 de maio de 1933. Ver *Le livre de la jungle* (trad. Louis Fabulet e Robert d'Humières, Paris, Mercure de France, 1895) [ed. bras.: *Os livros da selva: Mowgli e outras histórias*, trad. Julia Romeu, São Paulo, Penguin Companhia, 2015]. Kipling é citado repetidas vezes nos escritos pré-carcerários de Gramsci e uma vez nos *Quaderni del carcere* (Q 3, § 146). Sobre o tema, ver Alessandro Carlucci, “Essere superiori all'ambiente in cui si vive, senza perciò disprezzarlo: sull'interesse di Gramsci per Kipling”, *Studi Storici* (v. 54, n. 4, 2013), p. 897-914.

[3] O reinado da rainha Vitória se estendeu de 1837 até a morte dela, em 1901.

*image
not
available*

Os discursos terminaram fortemente ovacionados, com gritos de viva a Bélgica, abaixo os alemães da Itália (ou seja, nós) etc. Na saída, Gaspar e Volckaert foram novamente aplaudidos. Distante do pequeno grupo de *alemães* que assistiam à conferência, um ardente interventista, até então quieto, lançou um: “Abaixo o *Avanti!*”. Seguiu-se uma risada. Os dois oradores, sempre rodeados por muitos dissidentes do socialismo, se dirigiram ao restaurante da estação, onde lhes foi oferecido um almoço.

À tarde, convidados pelo prefeito de Avigliana, o advogado Bonaudo, socialista reformista e dissidente, os dois oradores foram falar aos operários da fábrica de dinamite Nobel. Não enviamos nenhum correspondente ao lugar e não sabemos como foi a acolhida. Dado, contudo, que realizaram seu discurso em francês, será que foram compreendidos?

A *tourné* Gaspar terminou. Terça-feira pela manhã os dois belgas retornaram a Paris. Tiveram muito sucesso na Itália^[7]. Mas sucesso *antiproletário*, estritamente *burguês*.

Os dissidentes do socialismo renderam largos elogios aos dois oradores. Faltou completamente a adesão tão desejada do proletariado socialista. Volckaert disse que esse é o ponto baixo da sua viagem à Itália. Volckaert o atribui ao excesso de ignorância de nosso partido. Não está na moda isso. Não lhe disseram? Será que ele ignora que o “Pus”^[8] morreu, foi sepultado e, com o tempo, esquecido? Que conta menos que zero na política nacional? Por que discutir, polemizar, pedir apoio moral, adesão e solidariedade a associações desse tipo, que, por sua ação constante e irreduzível contra a pátria, foram lançadas ao desprezo de todos os homens de bem e dissidentes do socialismo? De verdade, não é possível entender. A adesão incondicional do proletariado dissidente e da burguesia não foram

*image
not
available*

juízo, são incapazes. Diante dos homens de caráter, perdem a bússola, tateiam no escuro, se perdem em todos os becos sem saída das intrigas, da maledicência, da difamação. Não compreendem um comportamento retilíneo, rigidamente coerente. Estão hipnotizados pelos fatos, pelo presente. Não compreendem o homem de caráter, que julga e pesa os fatos e a atualidade não tanto em si e para si como na concatenação com o passado e com o futuro. Que julga os fatos especialmente por seus efeitos, pela sua eternidade. Eles são, portanto, místicos. E os místicos não podem avaliar, podem apenas bendizer ou odiar.

Mas esta é a força dos socialistas italianos: ter conservado um caráter. Conseguir vencer os sentimentalismos, conter as palpitações como estímulos para a ação e manifestação da vida coletiva. Os socialistas italianos elaboraram, nesse período, a humanidade mais perfeita para os fins da história. A humanidade que não cabe nas armadilhas fáceis da ilusão. A humanidade que renegou, como inúteis e nocivas, as formas inferiores da vida espiritual: o impulso do bom coração e o sentimentalismo. Renegou-as conscientemente porque soube assimilar os ensinamentos de seus maiores mestres e os ensinamentos que se desprendiam espontaneamente da realidade burguesa espremida pela crítica socialista. Os socialistas italianos permaneceram inabaláveis no interior das fileiras determinadas pela existência das classes sociais. Não foram perturbados, como coletividade, pelos espetáculos dolorosos que se apresentavam aos seus olhos. Não foram dispersos, como coletividade, quando foi jogado a seus pés o cadáver ainda palpitante de um menino assassinado. A comoção que cada um experimentou, o aperto no coração, as simpatias sentidas individualmente não arranharam a consistência granítica da classe. Se cada indivíduo possui um coração, a classe,

*image
not
available*

uma nova autoridade. Morgari na Rússia é, portanto, embaixador dessa nova potência italiana; Morgari na Rússia possui, neste momento, uma autoridade muito superior à autoridade do marquês Gavotti^[4], embaixador de sua majestade Vittorio Emanuele III.]

Os jornais burgueses sentem que essa é a realidade atual. E estão nervosos. Procuram rir, fazem caretas, mas é um riso forçado, um riso de frenesi histérico. Na mesma página do *Corriere della Sera* é possível encontrar o artigo sobre os apitos de Morgari^[5] ao lado da tradução de uma passagem de um jornal socialista russo: “Os esforços das classes operárias da Europa devem estar voltados unicamente para constranger os governos a renunciar a seu ímpeto de conquista, e, se os governos resistem, é preciso privá-los do poder, como foi feito na Rússia. Nós estamos prontos para estender fraternalmente as mãos aos povos da Alemanha e da Áustria para que obriguem os próprios governos a renunciar a qualquer conquista, mas combatemos a invasão e estamos prontos a ajudar com a força das armas os povos da Inglaterra, França e Itália para que forcem, por sua vez, os próprios governos a abandonar a política de conquistas, ainda que continuem a se defender da Alemanha. Apesar disso, protestamos resolutamente contra a continuação da guerra em nome dos interesses capitalistas de qualquer país”. [O pequeno artigo irônico se dispersa no âmago do leitor, esmagado por esse bloco rochoso de realidade. Não são palavras vazias: são declarações sustentadas por milhões de baionetas, pelas mãos de milhões de homens, não de milhões de subalternos. São palavras-fatos, ditas por homens que podem atuar. Como são frívolas e inchadas de vaidade as ameaças ao sr. Morgari. O deputado do II Colégio^[6] não é apenas mais um cidadão italiano: é um cidadão da Internacional, que já não é uma utopia, porque ao menos em um país os internacionalistas não estão mais de joelhos, mas se ergueram sobre

*image
not
available*

Apesar disso, estamos convencidos de que a Revolução Russa seja, além de um fato, um ato proletário, e de que deve necessariamente confluír para o regime socialista^[2]. As poucas notícias verdadeiramente concretas e substanciais não permitem uma demonstração exaustiva. Alguns elementos, contudo, permitem chegar a essa conclusão.

A Revolução Russa ignorou o jacobinismo^[3]. Ela foi capaz de abater a autocracia, mas não conquistou a maioria com a violência. O jacobinismo é um fenômeno puramente burguês: ele caracteriza a revolução burguesa da França. A burguesia, quando fez sua revolução, não possuía um programa universal: ela se valia de interesses particularistas, os interesses da sua classe, e os servia com a mentalidade fechada e atrasada de todos aqueles que tendem a fins particulares. O fato violento das revoluções burguesas é duplamente violento: destrói a velha ordem, impõe a nova ordem. A burguesia impõe a sua força e as suas ideias não apenas à casta dominante, mas também ao povo que está prestes a dominar. É um regime autoritário que substitui outro regime autoritário.

A Revolução Russa destruiu o autoritarismo e em seu lugar instituiu o sufrágio universal, estendido também às mulheres. Substituiu o autoritarismo pela liberdade, a constituição pela voz livre da consciência universal. Por que, então, os revolucionários russos não são jacobinos? Não substituíram, também eles, a ditadura de um só pela ditadura de uma minoria audaciosa e decidida a tudo para fazer triunfar seu programa? Não são, pois perseguem um programa ideal que não pode ser apenas de poucos, porque estão seguros de que,

*image
not
available*

colaborar na manutenção da ordem e da segurança pública na agitada Odessa; esperamos que tenhamos a possibilidade de divulgar a todas as organizações sociais nossa situação e nossas necessidades, se todos os prisioneiros da prisão de Odessa forem libertados e tivermos a possibilidade de uma reunião comum e aberta para deliberar sobre os meios de retornar à vida honesta e liquidar o passado”.

[6] Trata-se da frase que abre a conclusão de *Kritik der praktischen Vernunft* [*Crítica da razão prática*], de Immanuel Kant, publicado em italiano em 1909: “Duas coisas enchem a alma com admiração e veneração sempre novas e crescentes; quanto mais vezes mais longa a reflexão lida com elas: o céu estrelado acima de mim e a lei moral em mim. Não preciso procurar essas duas coisas e simplesmente supor que elas estão envoltas na escuridão, ou no transcendente, do lado de fora do meu horizonte; eu as vejo na minha frente e imediatamente as conecto com a consciência da minha existência”, Immanuel Kant, *Critica della ragion pratica* (trad. Francesco Capra, Bari, Laterza, 1909), p. 193 [ed. bras.: *Crítica da razão prática*, trad. Valerio Rohden, 4. ed., São Paulo, WMF Martins Fontes, 2016].

*image
not
available*

devoradora de preguiça e cansaço. A revolução prossegue até sua realização completa. Estamos longe ainda do tempo no qual será possível um descanso relativo. E a vida é sempre revolução.

[1] *Il Grido del Popolo*, a. XXII, n. 679, 28 jul. 1917, p. 1; *L'Avanguardia*, a. XI, n. 501, 12 ago. 1917.

[2] Aleksandr Kiérienski (1881-1970), um dos líderes da ala moderada do Partido Socialista Revolucionário russo, foi ministro da Justiça, ministro da Guerra e, por último, primeiro-ministro do governo provisório instituído depois da Revolução de Fevereiro de 1917; Irakli Tseretiéli (1881-1959) foi um dos líderes da ala menchevique do Partido Operário Social-Democrata Russo (POS DR); Víktor Mikháilovitch Tchernov (1873-1952) foi um dos principais teóricos do Partido Socialista Revolucionário russo e ministro da Agricultura no governo provisório.

[3] Primeira referência a Vladímir Ilitch Uliánov Lénin (1870-1924) nos escritos de Gramsci. François-Noël Babeuf, conhecido como Gracchus Babeuf (1760-1797), foi guilhotinado devido a seu papel na Conspiração dos Iguais (1796). A situação descrita por Gramsci é anterior às jornadas dos dias 16 e 17 de julho contra o governo provisório e à brutal repressão que se seguiu.

[4] O parágrafo final alude à perseguição aos bolcheviques e ao exílio de Lénin após as jornadas de julho, tema que, como visto na nota precedente, não havia sido tratado no parágrafo anterior. Provavelmente este último parágrafo é um adendo a um texto escrito previamente.